

O ESTAGIÁRIO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS DESAFIOS DE SUA FORMAÇÃO

Érika A. De Castro Nogueira¹
Vivianny Bessão de Assis²

Resumo

Esta pesquisa buscou compreender quais dificuldades enfrentam os estagiários do sexo masculino para concluir a graduação durante a formação inicial, principalmente em relação a sua presença nos Centros de Educação Infantil e seu contato com crianças pequenas, bem como, entender como se sentem diante do preconceito e quais alternativas encontram para se manter na carreira. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e explicativa, cujos dados foram gerados a partir de um questionário com 14 perguntas abertas e fechadas, enviado via *google forms*, a cinco estagiários que aceitaram participar da pesquisa. Os resultados indicam que as dificuldades que os profissionais do sexo masculino vivenciam para ingressar e permanecer na Educação Infantil se devem aos valores que existem no meio sociocultural em que vivemos, que reforçam modelos educacionais idealizados. Apesar das variações nas respostas ainda é possível notar certo medo e insegurança no local de trabalho, outros demonstram medo de se comunicar com os pais, mas há também muita vontade de superar os desafios. Sendo assim, as categorias de análise que emergiram dos resultados do trabalho foram: trabalho, preconceito, estranhamento, medo e não lugar.

Palavras-chave: Educação Infantil; Gênero; Estagiário do sexo masculino.

INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394 de 1996, estabelece a educação infantil como primeira etapa da educação básica, cuja finalidade é o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. A Educação Infantil deve ser oferecida em creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade (BRASIL, 2006). Com a alteração da legislação em 2006, o atendimento em pré-escola passou a ser para crianças de até cinco anos.

Por conseguinte, é compreensível que a gestão das instituições de ensino para crianças de 0 a 5 anos deva considerar questões importantes como: a indissociabilidade da educação e do cuidado; a disposição dos espaços de acordo com a faixa etária das crianças; a participação ativa das famílias na instituição; o acompanhamento de crianças por adultos (KRAMER, 2007).

Na Educação Infantil, há uma tradição de ‘maternagem’, que é, social e culturalmente, associada à mulher. A concepção que temos desde a antiguidade é que a educação das crianças

¹ Acadêmica do 8º semestre do curso de Pedagogia, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. E-mail: kikatls@hotmail.com

² Professora Adjunta do curso de Pedagogia, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. E-mail: vivianny.assis@ufms.br

pequenas é, ou deveria ser, função, sobretudo, das mulheres. Isso vem mudando gradativamente. No imaginário da maior parte das pessoas, o cuidado na escola de educação infantil se dá em comparação ao cuidado materno, portanto, ligado à mãe, neste sentido, ficando bem representado nessa relação, ou seja, a educação de crianças na escola está configurada à figura da mulher. Por isso, parece complexo e difícil o homem ocupar esse espaço, conforme apresenta Silva (2014, p. 49):

A escola da educação Infantil, seus professores e todos envolvidos na unidade escolar, na rede de ensino é espaço para se refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem é ameaçadora, incompatível com a realidade: um fracassado trabalhador da indústria ou do comércio que tenta a sorte num trabalho mais “leve” de olhar crianças.

Esta consideração de que os homens são incapazes para a docência leva a várias formas de exclusão, inclusive a não contratação do profissional devido ao seu sexo. Diante deste quadro nos propomos a desenvolver uma pesquisa que deseja responder às seguintes perguntas: Quais dificuldades enfrentam os estagiários do sexo masculino para concluir os estágios durante a formação inicial? Existem estagiários do sexo masculino atuando na rede municipal de ensino de Três Lagoas?

Diante disso, o objetivo geral consiste em compreender os desafios enfrentados por estagiários do sexo masculino na Educação Infantil. Os objetivos específicos são:

1. Compreender por que há tão poucos homens atuando na Educação Infantil;
2. Identificar alternativas que possam mudar esse contexto discriminatório;
3. Entender como se sentem diante do preconceito e quais alternativas encontram para se manter na carreira;
4. Identificar o percentual de estagiários do sexo masculinos atuando na Educação Infantil da rede pública de ensino de Três Lagoas.

Com isso, organizamos este texto em quatro seções, além desta Introdução, as quais visam: 1) apresentar o referencial teórico que guiou as reflexões deste estudo; 2) descrever a metodologia adotada na pesquisa, calcada na investigação de estudos anteriores por meio da busca de Teses e Dissertações na Plataforma da CAPES, bem como na pesquisa de campo, realizada a partir de questionário aplicados a estagiários que atuam nos Centros de Educação Infantil do município; 3) apresentar os resultados e discussões a partir da análise dos dados coletados e; 4) as considerações finais, indicando os limites da pesquisa e a agenda futura de investigação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Brasil, a partir dos anos 1980 do século passado, houve transformações no campo da história da educação, com a produção de novas fontes e objetos de pesquisa, incorporando novas categorias de análise, como a de gênero. Historiadoras da educação, e posteriormente historiadores tem buscado compreender o processo de feminização do magistério primário, destacando a necessidade de se entender as razões que levaram ao crescimento do número de mulheres nesta profissão e as transformações pelas quais passou esta ocupação ao ser exercida pelas mulheres.

Segundo Ramos (2011), algumas escolas já se preocupam em equilibrar essa disparidade entre mulheres e homens para oferecer as crianças um círculo de convivência e aprendizado mais diverso possível. Afinal, a resolução dessa questão começa por entender que a Educação Infantil é algo muito diferente da maternagem. Ou seja, apesar de ter em si algumas rotinas de cuidado e carinho, educar um bebê ou uma criança é oferecer as bases de construção do indivíduo em um ambiente seguro permeado de aprendizados, e vai muito além, portanto, de trocar fraldas.

O que gerou a principal questão desta pesquisa, foi o fato de os profissionais que atuam com essas crianças serem majoritariamente mulheres, contudo, segundo o que afirma Ramos (2011), a presença masculina no ambiente escolar é vista como necessária e positiva ao desenvolvimento emocional da criança. Assim, mesmo escassa, porém existente, a presença de homens atuando com crianças na educação infantil é abordada nesta pesquisa a partir das representações sociais relativas a esses raros profissionais.

Com os objetivos de entender aspectos da feminização do magistério, apresentamos a seguir, algumas reflexões histórias sobre a profissão docente no Brasil.

1.1 História da feminização do magistério no Brasil: alguns apontamentos

De acordo com Martins e Rabelo (2006), durante muito tempo, a educação foi uma função puramente masculina: os alunos eram do sexo masculino, e o ensino era realizado principalmente por religiosos e homens que estudavam e eram contratados como tutores por aqueles com melhores condições econômicas.

A vinculação das atividades de ensino ao "dom" ou "vocaçao" da mulher baseia-se na interpretação de que o fato de uma mulher dar à luz a um bebê está associado ao "papel consequente da mãe" no cuidado do filho; essa função esta associada à feminilidade, às

tarefas educativas e sociais na infância. Desta forma, uma mulher deve seguir seu "talento" ou "vocação" no ensino.

No Brasil, essa caracterização das mulheres como educadoras de crianças não surgiu de imediato. Durante o período colonial, os portugueses chegaram ao Brasil com seus padrões de comportamento e domínio. Essa regra é patriarcal, típica da cultura judaico-cristã ocidental, e refinada com a ascensão do sistema capitalista. A sociedade patriarcal determina que as mulheres sejam submetidas aos homens: por seus pais, por seus maridos, pelas regras que eles fazem (MARTINS; RABELO, 2006).

O paternalismo significava que uma mulher restringia suas atividades à esfera privada de sua casa e suas atividades públicas limitavam-se a participar de eventos da igreja. Uma mulher não precisava ser bem educada, desde que tenha aprendido as primeiras letras e os cálculos aritméticos básicos, é suficiente para garantir as tarefas da família.

De acordo com Martins e Rabelo (2006), em uma visão muito peculiar, a mulher é apresentada como uma tentação permanente que deve ser "domada" para ser uma boa mãe e para não desviar os homens do caminho certo. Essa ideia é baseada na interpretação bíblica da primeira mulher, Eva, que encorajou o primeiro homem, Adão, a pecar e, como resultado, ambos foram expulsos do céu.

Assim, podemos ver que mesmo de forma encoberta, o controle sobre a sexualidade das mulheres justificará o trabalho das mulheres com as crianças a partir de então, em um ambiente onde elas não estejam expostas aos perigos do mundo, e estejam protegidas do contato com estranhos, principalmente os do sexo oposto. (MARTINS; RABELO, 2006). Portanto, é por meio da docência, considerada a excelência do trabalho feminino, que a mulher brasileira consegue abrir caminho para a prática profissional.

1.2 A profissão docente de mulheres no período colonial e imperial

Durante os tempos coloniais, as mulheres brasileiras ficavam longe das escolas. As universidades e escolas primárias, mantidas e dirigidas pelos jesuítas, são apenas para homens. As mulheres devem aprender e trabalhar nas chamadas tarefas apropriadas ao gênero: costurar, bordar, lavar, fazer rendas e cuidar de crianças. Timidez e ignorância são suas principais características. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993). Foi só depois da independência que isso começou a mudar.

De acordo com a lei de 15 de outubro de 1827, as mulheres obtiveram o direito à educação através do estabelecimento de escolas primárias para meninas. Nesse momento,

surgiram também às primeiras vagas para mulheres no ensino fundamental e suas possibilidades de formação se ampliaram. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993).

Nos tempos imperiais, o ensino médio era de vanguarda, destinado a quem pretendia continuar seus estudos em nível superior, o que não era permitido às mulheres. Assim, as escolas normais tornam-se uma das poucas, senão a única oportunidade para as mulheres continuarem seus estudos após a escola primária. Acolhe mulheres que pretendem ensinar de forma eficaz e outras que desejam apenas continuar seus estudos e obter uma boa educação geral antes do casamento. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993).

Em São Paulo, as mulheres só entraram de fato na Escola Normal em 1875, quando foi criada uma seção feminina no Seminário Educandas. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993). Em 1880, a Escola Normal de São Paulo reabriu e a turma tornou-se mista, mas com entradas diferentes para meninas e meninos. No final do século passado, algumas correntes de pensamento que discutiam a existência de diferenças "naturais" entre os sexos, como personalidade, temperamento e tipos de raciocínio, acabaram influenciando todas as medidas tomadas no campo da educação, alimentando ainda mais o preconceito. De acordo com essas tendências, essa mulher, e somente ela, é biologicamente dotada da capacidade de interagir com os filhos como parte de sua função materna. E, como a docência primária era vista como uma extensão dessas atividades, a docência primária passou a ser vista como uma profissão exclusivamente feminina. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993).

O salário é, obviamente, uma possível razão para a falta de estímulo na carreira para os homens que procuram emprego. Pode-se argumentar também que o aumento da urbanização e o movimento econômico em torno da cafeicultura no final do século passado podem ter contribuído para a expansão do mercado de trabalho masculino, afastando os homens do magistério. Olhando para o número de professores formados na Escola Normal da Capital, vemos que, a partir de 1895, havia definitivamente mais meninas do que meninos nas Escolas Normais. Isso pode ser devido às reformas implementadas no ano anterior, que ampliaram o currículo de três para quatro anos, tornando aos homens mais desinteressantes; com a extensão da formação de professores, eles terão que dedicar mais tempo à preparação para uma carreira que parece não ter futuro. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993).

Os homens tendem a buscar carreiras mais lucrativas em virtude de seu *status* de "chefe de família". A ideia de que os salários das professoras podem ser inferiores aos dos professores, seja pelo seu caráter secundário ou porque complementam a renda familiar, ajudou a consolidar e legitimar a imagem dos professores como uma "carreira ideal de mulher", e a categoria cresceu ao longo dos anos. (DEMARTINI, ANTUNES, 1993).

1.3 A carreira feminina no período pós republicano

Durante a República, essas pressões alimentaram ainda mais a necessidade de ampliar as oportunidades educacionais. Esse pensamento está relacionado à necessidade de formação de professores, visto que os homens tentam buscar vantagens econômicas em outros campos. Dessa forma, as mulheres, principalmente a partir da segunda década do século XX, passaram a lecionar, principalmente aquelas que eram economicamente desfavorecidas e mulheres de classe média. (MARTINS; RABELO, 2006).

A docência era uma saída possível para a maioria das mulheres brasileiras, principalmente as de classe média, pois, até a década de 1930, era o único trabalho considerado valioso para elas e que podia estar relacionado aos afazeres domésticos. (MARTINS; RABELO, 2006).

No entanto, o ato de educar não era realizado por mulheres, elas apenas ensinavam. Sua estrutura, administração e cargos de liderança eram dirigidos por homens. Dessa forma, há um grande controle sobre o desempenho dos professores, incluindo sua orientação sexual. As escolas continuaram a relegar as mulheres às escolas secundárias, perpetuando a obediência existente da sociedade patriarcal. (MARTINS; RABELO, 2006).

Os homens eram privilegiados na educação por serem considerados os melhores “líderes” e muitas vezes ascendem a outros cargos como: instrução, fiscalização, funções técnicas e administrativas. Os autores Martins e Rabelo (2006) apontam que o ambiente que determina o processo de feminização da profissão docente é marcado por atitudes preconceituosas como diferenças salariais, diferenças curriculares e o conceito de "ocupação", levando as mulheres a optarem por ocupações de menor valor social em relação aos homens.

A população em idade escolar no ensino primário cresceu significativamente durante a Primeira República. Diante desse fato, o número de docentes foi ampliado para atender a demanda, o que também tem contribuído para o aumento do número de mulheres na profissão, pois o número de homens interessados nela vem diminuindo. (FERREIRA, 1998).

Nesse período, a crescente demanda por educação básica pública e gratuita vinha de uma nova demografia: os trabalhadores industriais urbanos, que formavam uma categoria profissional muito importante, especialmente no sudeste do país. As tentativas de atender a essas necessidades resultaram em um aumento significativo no número de professores do ensino fundamental. (FERREIRA, 1998).

De acordo com Demartini e Antunes (1993), em 1919, todos os grupos escolares do estado de São Paulo eram dirigidos por homens. Isso sem falar nos círculos de intelectuais e educadores

paulistas, como o Instituto de Educação fundado na década de 1920 por educadores muito atuantes, onde se discutiam direções educacionais e propostas de ensino na época, geralmente apenas para homens.

Percebe-se que as funções reservadas às professoras dentro de suas próprias associações são aquelas consideradas como "mulheres tradicionais", relacionadas à assistência social. Quando as mulheres permanecem na sala de aula, os professores passam rapidamente para cargos de planejamento, orientação e liderança. Para a maioria dos homens, quando ingressam em uma profissão feminina e mal remunerada, mas na verdade exercem uma "ocupação" masculina. (DEMARTINI; ANTUNES, 1993).

Assim, a separação entre concepção e execução, e o que mais tarde foi chamado de desqualificação e empobrecimento de determinados empregos, constituíam um conjunto de forças extremamente atuantes no trabalho feminino. (DEMARTINI, ANTUNES, 1993).

Na década de 1970, o movimento de libertação das mulheres começou a ganhar força e, como resultado, mudou o *status* das mulheres na sociedade. O impulso para a modernização da sociedade brasileira permitiria uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que removeria vestígios de preconceito contra sua entrada em ocupações masculinas antes socialmente ilegais. (FERREIRA, 1998).

Por trás da divisão de gênero do trabalho há uma divisão social do trabalho que atende a interesses econômicos, criando e ajudando a manter uma representação ocupacional que favorece a desigualdade salarial e o prestígio nas ocupações de homens e mulheres. (FERREIRA, 1998).

2. Mapeamento de pesquisas brasileiras (*strito senso*) sobre o homem no magistério infantil

Como se vê ao longo do estudo, a "vocação" foi um fator muito importante em todos os tempos, desde os tempos coloniais, quando religiosos que tinham essa profissão como missão, como clérigos, até a década de 1980, com a modernização da sociedade, com extenso desenvolvimento e a participação das mulheres em diversos campos profissionais. (FERREIRA, 1998).

Na perspectiva de gênero, a relação entre homens e mulheres é construída socialmente e fruto das relações de poder entre os sexos. Isso nos leva a entender que todas as mudanças que ocorrem nessa relação são fruto de um movimento de mão dupla, relacionado ao contexto social mais amplo, e deve ser considerada juntamente com outros fatores como raça, classe social, idade e religião. (FERREIRA, 1998).

Deste modo, a profissão docente, em certa medida, pelo movimento de poder entre os sexos, constitui as características de hoje que se diferenciam de outros tempos, o que leva a mudanças nos papéis e objetos de homens e mulheres na sociedade. (FERREIRA, 1998). Considerando essa mudança na contemporaneidade, buscamos compreender o que as pesquisas brasileiras, *strito sensu*, dizem sobre o homem no magistério infantil.

Em março de 2022 iniciamos uma pesquisa na plataforma de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio das palavras-chave “professor homem na Educação Infantil”, filtrando todos os critérios de busca no campo educacional e obtivemos quatro estudos que serão apresentados na Tabela 1, considerando o ano, autor, título, nível de pesquisa e quantidade

Tabela 1: Teses e dissertações localizadas a partir do termo de busca “professor homem na Educação Infantil”, ordenadas por quantidade, autor, título e nível de pesquisa.

Ano	Autor	Título	Nível	Quant.
2012	PEREIRA, Maria Arlete Bastos	Professor-homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade	M	1
2013	NUNES, Patricia Gouvea	Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	M	1
2018	CAVALCANTI, Fernanda Carvalho	Questões de gênero na educação infantil: um estado do conhecimento de teses e dissertações identificadas no portal da CAPES no período de 2001 a 2015	M	1
2019	BONIFACIO, Gabriel Hengstemberg.	A profissionalização do Docente Masculino da Educação Infantil	M	1

Fonte: As autoras (2022).

Em seguida, utilizamos um outro termo de busca: “homem na educação infantil”, para o qual localizamos sete estudos, no entanto, quatro deles se repetiam, com isso, ficamos com três, apresentados na Tabela 2 a seguir, considerando o ano, autor, título, nível de pesquisa e quantidade.

Tabela 2: Teses e dissertações localizadas a partir do termo de busca “homem na Educação Infantil”, ordenadas por quantidade, autor, título e nível de pesquisa.

Ano	Autor	Título	Nível	Quant.
2019	OLIVEIRA, Adriana Cristina de.	Marcas da docência masculina na educação infantil: experiência, identidade e cotidiano	Mestrado profissional	1
2020	RAMOS, Clemerson Elder Trindade	Quem tem medo do lobo mau? inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil	M	1

2021	SILVA JUNIOR, Joao Raimundo dos Santos	A docência masculina na educação infantil em Manaus: representações de pais, mães e professores	D	1
------	----------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------	---	---

Fonte: As autoras (2022).

Por último, utilizamos o termo de busca “homem no magistério”, para o qual localizamos um estudo apresentado na Tabela 3.

Tabela 3: Teses e dissertações localizadas a partir do termo de busca “homem no magistério”, ordenadas por quantidade, autor, título e nível de pesquisa.

2012	Autor	Título	Nível
2012	ROSA, Fabio José da Paz	O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e educação infantil	M

Fonte: As autoras (2022).

Por meio desta pesquisa, obtivemos o total de oito estudos que serão apresentados na Tabela 4, considerando o ano de publicação, autor, título, nível de pesquisa e quantidade por ano de publicação.

Tabela 4: Total de teses e dissertações localizadas, ordenadas por ano, autor, título, nível de pesquisa e quantidade por ano.

Ano	Autor	Título	Nível	Quant. por ano
2012	PEREIRA, Maria Arlete Bastos	Professor-homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade	M	2
2012	ROSA, Fabio José da Paz	O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e educação infantil	M	
2013	NUNES, Patricia Gouvea	Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	M	1
2018	CAVALCANTI, Fernanda Carvalho	Questões de gênero na educação infantil: um estado do conhecimento de teses e dissertações identificadas no portal da CAPES no período de 2001 a 2015	M	1
2019	BONIFACIO, Gabriel Hengstemberg.	A profissionalização do Docente Masculino da Educação Infantil	M	2
2019	OLIVEIRA, Adriana Cristina de.	Marcas da docência masculina na educação infantil: experiência, identidade e cotidiano	MP	
2020	RAMOS, Clemerson Elder Trindade	Quem tem medo do lobo mau? Inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil	M	1
2021	SILVA JUNIOR, Joao	A docência masculina na educação infantil em Manaus: representações de pais, mães e professores	D	1

	Raimundo dos Santos			
Total	-	-	3	8

Fonte: As autoras (2022).

De acordo com a Tabela 4, foram encontradas oito pesquisas relacionadas ao tema “professor homem na educação infantil”, entre os anos de 2012 a 2021. É possível observar que os anos de 2012 e 2019 foram os que tiveram maior quantidade de publicações (02 por ano). Observa-se também que dentre os oito estudos encontrados, quatro foram escritos por autores homens e quatro por mulheres, o que mostra que o tema é relevante para ambos os sexos, e também é um tema bastante atual considerando que a maior parte foi escrita a partir de 2018.

Também é possível observar que o nível das pesquisas são predominantemente dissertações de mestrado, com seis estudos, um doutorado e um mestrado profissional.

Na Tabela 5, apresentamos as teses e dissertações localizadas, ordenadas por Universidade, estado, nível de pesquisa, ano de publicação, autor e quantidade por região.

Tabela 5: Teses de dissertações ordenadas Universidade, região, nível de pesquisa e quantidade

Universidades	Estado	Ano	Autor	Quant. por estado
Total				
UNIFESP	SP	2012	PEREIRA, Maria Arlete Bastos	3
UFSCar	SP	2019	BONIFACIO, Gabriel Hengstemberg	
PUC	SP	2021	SILVA JUNIOR, Joao Raimundo dos Santos	
UERJ	RJ	2012	ROSA, Fabio José da Paz	1
PUC	GO	2013	NUNES, Patricia Gouvea	2
PUC	GO	2020	RAMOS, Clemerson Elder Trindade	
UFBA	BA	2018	CAVALCANTI, Fernanda Carvalho	1
UFLA (Universidade Federal de Lavras)	MG	2019	OLIVEIRA, Adriana Cristina de	1
7	5	-	-	8

Fonte: As autoras (2022).

De acordo com a Tabela 5, observa-se que os trabalhos relacionados ao tema foram predominantemente de instituições públicas havendo cinco publicações de Universidades Federais, um de Universidade Estadual e apenas duas dissertações de mestrado da PUC de Goiás. As publicações estão concentradas sobretudo na região Sudeste sendo três no estado de

São Paulo e uma no estado do Rio de Janeiro, seguido pela região Centro-Oeste, havendo duas publicações do estado de Goiás e uma em Minas Gerais, e por último na região nordeste, havendo apenas uma publicação no estado da Bahia. Não localizamos nenhum estudo nas regiões norte e sul do país.

2.1 O homem no magistério infantil: o que nos dizem os estudos?

Ao analisar os estudos realizados em torno da temática no professor-homem na educação infantil, tivemos oito estudos que foram bastante pertinentes nos quais discorreremos de forma sucinta a seguir:

Na pesquisa de Pereira (2012), a questão central é compreender a construção da identidade do professor-homem na Educação Infantil, em creches e pré-escolas da rede municipal de ensino da cidade de Guarulhos. Buscou através das histórias de vida de cinco professores homens conhecer suas trajetórias como docentes deste tempo de vida. Na análise das entrevistas constatou-se que a identidade do professor homem está em construção, considerando-se a complexidade das mudanças ocorridas na Educação Infantil que afetam a todos e todas os/as profissionais que trabalham com este nível de ensino e, conseqüentemente, os professores homens, visto serem culturais e históricas.

A pesquisa de Rosa (2012), teve por objetivo investigar de quais maneiras o professor-homem é enunciado e se autoenuncia a partir do dispositivo da sexualidade no magistério das séries iniciais e na educação infantil. Para compreender essa questão, foram utilizados textos virtuais publicados na *web* com a temática de homens no magistério e uma comunidade virtual composta por professores-homens e estudantes de Pedagogia do *site* de relacionamentos *Orkut*. A pesquisa constatou que tanto os discursos jornalísticos quanto os discursos de estudantes e professores na comunidade virtual revelam que esses sujeitos são produzidos para culturas masculinas hegemônicas. Essa questão também fica evidente mesmo quando alguns enunciados de professores-homens e estudantes tentam romper com as dificuldades e preconceitos por estarem em uma área profissional considerada feminina.

A dissertação de Nunes (2013), teve como objetivo investigar e analisar o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO) e como este é percebido pela comunidade escolar. A investigação orientou-se por questões como: existem muitos professores homens nesta etapa da educação básica? Como o professor homem se constitui/se constrói nesse espaço social que é composto majoritariamente por mulheres? Esta investigação desenvolveu-se mediante estudo bibliográfico, análise documental, aplicação de

questionários e entrevistas. Levantou-se dados sobre as instituições de educação infantil de Rio Verde, destacando o número de instituições e de professores e professoras que nelas atuam, por sexo. Constatou-se ainda que homens em espaços considerados historicamente como femininos apresentam a manutenção de características da prática docente associadas à masculinidade tradicional, como um habitus cultural mantido pela violência simbólica.

A pesquisa da Cavalcante (2018), objetivou analisar a produção acadêmica sobre as questões de gênero na Educação Infantil, no período de 2001 a 2015. Para tanto, com base nos relatórios de pesquisa disponíveis no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foram selecionados 42 trabalhos sobre a referida temática – 11 teses e 31 dissertações – os quais foram categorizados em cinco tipos: i) gênero e as representações e discursos de professores do sexo masculino e feminino na Educação Infantil; ii) gênero e o professor homem na Educação Infantil; iii) gênero e a educação de crianças pequenas; iv) gênero associado ao embelezamento na Educação Infantil e; v) questões de gênero em obras literárias. A análise desses materiais abordou os seguintes critérios: i) frequência da produção por ano, ii) autoria e filiação institucional, iii) localização geográfica em que os autores estavam vinculados, iv) distribuição da produção por área do conhecimento e v) enfoque metodológico. Os dados foram analisados à luz da Sociologia da Infância. Observou-se que as publicações não apresentam regularidade e que, predominantemente, os autores são do sexo feminino, estando vinculados as instituições de ensino superior das regiões Sul e Sudeste do país. As análises indicam escassez de pesquisas sobre a temática além da necessidade de um olhar mais acurado para a formação de professores, assim como a formulação de políticas públicas para a superação da desigualdade e estereótipos de gênero, em todas as relações que se estabelecem no âmbito da Educação Infantil.

A pesquisa de Bonifácio (2019) teve como objetivo compreender como é constituída a profissionalização do docente masculino que atua na Educação Infantil? De natureza qualitativa, a dissertação é organizada em formato multipaper, composta pela apresentação, dois artigos e considerações finais. Desenvolveu-se, portanto, uma investigação na perspectiva da pesquisa teórica direcionada pelas questões anunciadas, obtidas a partir do mapeamento das pesquisas acadêmicas brasileiras sobre o cotidiano destes no período de 2008 a 2017, com a combinação dos descritores “Docente Masculino” e “Educação Infantil”. A partir de um mapeamento foi possível analisar as práticas docentes e a problematização da feminização do magistério, a pesquisa indica que existe um amálgama de atravessamentos sociais, históricos e culturais.

O estudo de Oliveria (2019) trata da docência masculina na educação infantil, para isso

a pesquisa utilizou-se da metodologia qualitativa, por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas com os educadores que atuam na rede pública de municípios do Sul de Minas Gerais, considerando os aspectos: a escolha da profissão, a visão dos/as outros/as quanto à essa escolha, realização com a profissão, suas impressões quanto ao local de trabalho e às colegas docentes, suas experiências marcantes durante sua atuação como educador. Percebeu-se que muitos dos olhares que os educadores possuem de si se aproximam da visão de grande parte das pessoas, ou seja, ainda com preconceito. Assim, tentam evitar determinadas atitudes por receio das ideias que poderiam ser criadas pelas demais pessoas da comunidade escolar e da sociedade.

A pesquisa de Ramos (2020) teve por objetivo o estudo sobre a presença e o trabalho do homem na Educação Infantil, envolveu professores e auxiliares de atividades educativas nos Centros Municipais de Educação Infantil de Goiânia e Aparecida de Goiânia. Buscou-se compreender a dinâmica daquilo que é objetivo (condições de trabalho) e subjetivo (ideologias) presentes na vida social a partir da dialética inclusão x exclusão. A base metodológica deste estudo fundamentou-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa, a fim de dar vez e voz aos homens da/na Educação Infantil. Todavia, outros sujeitos (gestores e famílias) foram também ouvidos. Os resultados da pesquisa partiram de duas fontes: de um questionário *online* que obteve a resposta de 54 profissionais homens na Educação Infantil e de entrevistas com 18 sujeitos (06 gestores, 06 pais e 06 profissionais). Os resultados encaminham para reflexões que envolvem estereótipos, discriminação, julgamento de valores, medo e desvalorização social do lugar ocupado por esses homens e seu trabalho na Educação Infantil.

O estudo de Silva Júnior (2021), teve a finalidade de compreender as representações sociais de atores educacionais sobre o ser docente masculino no segmento infantil em Manaus/Amazonas. Para tanto, foi executada uma pesquisa de campo, sendo aplicados um questionário e a entrevista situacional a um grupo de participantes formado por pais, mães e professores de crianças pequenas matriculadas em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da rede pública de ensino manauense. Os resultados indicavam que a maioria dos participantes não admitia a docência masculina na pré-escola na capital amazonense. Esse posicionamento opositor do grupo parece ser norteado por suas representações de ser docente objetivadas na imagem de um ser inapto, imprevisível e despreparado para o serviço educacional com o público infantil, que qualificavam de forma inata a mulher e desqualificavam o homem; e sustentadas pela suspeita da possibilidade de práticas de pedofilia, aliciamento ou abuso sexual infantil por parte do professor, durante as práticas de higiene, mas que isentava a professora de tais atos ilícitos.

Todos os estudos enfocaram na presença do professor homem na Educação Infantil e não localizamos nenhum estudo sobre a presença do estagiário homem nesse ambiente, que pudesse discutir aspectos da formação inicial e das relações de gênero nesse espaço educativo, por isso, obtamos por fazer esta pesquisa.

3. METODOLOGIA

Foi feita uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e explicativa que buscou “[...] levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto [...]” na tentativa de “identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos”. (SEVERINO, 2013, p.107).

Inicialmente foi feito o pedido formal de autorização para a pesquisa de campo, junto a Secretaria Municipal de Educação de Três Lagoas e, após recebermos a autorização por escrito, iniciamos o trabalho de consulta aos 19 centros Centro de Educação Infantil (CEI) do município, via telefone, para saber acerca da existência de estagiários do sexo masculino atuando nas unidades.

Nos 19 CEIs havia apenas dois estagiários que aceitaram participar da pesquisa. Outros três sujeitos foram localizados estudando no ano corrente de 2022, no curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas-MS. Assim, chegamos ao quantitativo de cinco estagiários que aceitaram participar da pesquisa e foram denominados de Estagiário A, Estagiário B, assim sucessivamente, visando preservar a identidade dos sujeitos.

Fizemos um questionário com 14 perguntas abertas e fechadas, via *google forms*, enviado por um *link* para o *WhatsApp* dos respondentes, a fim de obter dados mais aprofundados sobre a temática. No tópico seguinte apresentamos a análise do questionário.

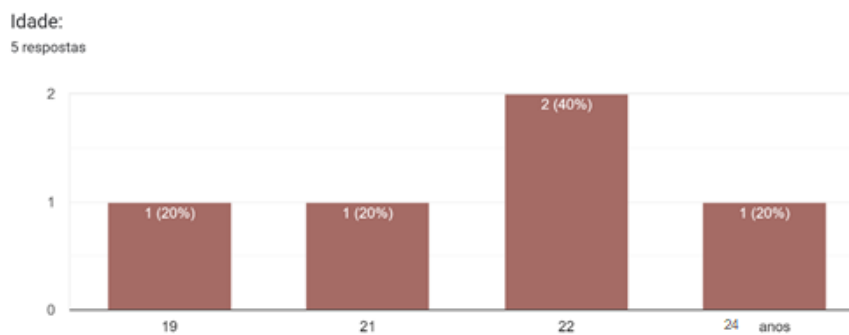
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo realizado vem demonstrando que o distanciamento dos homens da educação infantil é resultado do modo como o meio social construiu e continua construindo as diferenças de gênero, e isso se reflete na profissão docente. Os homens não são menos competentes e habilidosos do que as mulheres no cuidado de crianças pequenas, mas os padrões de masculinidade socialmente impostos ainda associam os homens à dominação e ao poder, características que são o oposto dos padrões de feminilidade que fariam as mulheres fazerem o

trabalho. Esse padrão universal de gênero não permite ambiguidade na determinação de cada gênero, dificultando que as crianças tenham a oportunidade de vivenciar outras formas de ser homem ou mulher nas atividades educativas.

Segundo Oliveira e Gonçalves (2021), dentre os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos que desencadeiam a feminização da docência, é importante destacar as representações, imagens e símbolos atribuídos aos profissionais do ensino cuja atuação pode ser acionada. Deste modo, ao analisar o questionário aplicado aos entrevistados levantamos os seguintes resultados:

A primeira pergunta a ser feita foi qual a idade do participante. E as respostas estão ilustradas a seguir no Gráfico 1:

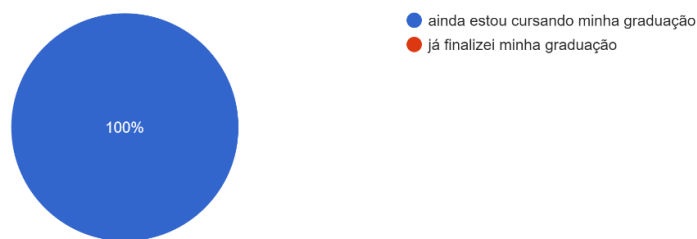


Como se pode observar, 40% dos entrevistados têm 22 anos de idade, o que configura uma porção ainda jovem, seguidos de jovens de 19, 21 e 24 anos.

Em seguida, buscamos saber sobre o curso de graduação que cursavam.

1. Você estuda ou já finalizou o seu curso de Graduação?

5 respostas

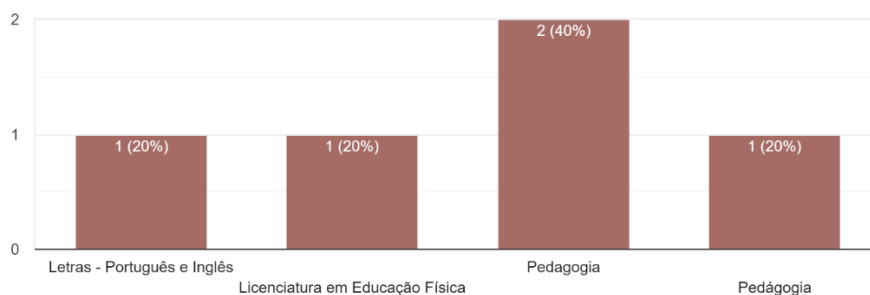


Percebe-se que os entrevistados em sua totalidade ainda estão cursando a graduação, o que explica a pouca idade representada no Gráfico 1.

Na segunda pergunta investigamos qual a graduação os entrevistados estavam cursando.

2. Qual o curso de graduação você cursou ou ainda está cursando?

5 respostas



Conforme o gráfico demonstra, três estagiários cursam Pedagogia enquanto os outros dois optaram por Letras e Educação Física.

Quando questionado sobre o porquê de terem escolhido o curso de graduação, as respostas também variaram.

Pelo sonho de ser professor (Estagiário A)

Tenho o objetivo de abrir uma escola de artes, sendo também um dos meus objetivos ser diretor de escola. (Estagiário B)

Pelas diversas áreas que um pedagogo pode atuar. (Estagiário C)

Eu escolhi esse curso por causa da minha paixão pela Língua inglesa e pela vontade de ser English teacher. (Estagiário D)

É uma área que me sinto bem exercendo. (Estagiário E)

Nessa perspectiva, Gonçalves (2020) ressalta que a importância de ser sujeito da própria identidade também é um fator importante, permitindo que os professores exerçam suas funções de acordo com suas próprias características e particularidades, não com base no senso comum, mas por um processo de formação que priorize a qualidade do trabalho docente.

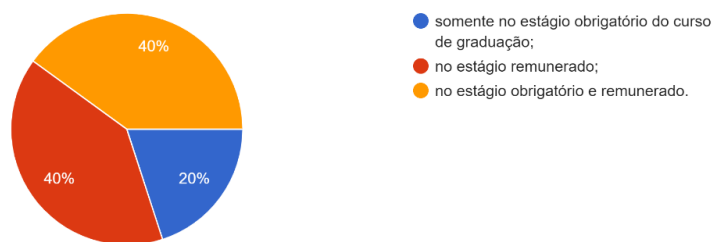
No que se refere ao ano de entrada e de término de sua graduação, observa-se que a maioria ingressou no ano de 2019, seguida pelo ano de 2021 e apenas um graduando tem previsão de conclusão para esse ano de 2022, seguidos dos anos de 2023, 2024, 2025 para conclusão dos demais.

Ao questioná-los sobre qual Universidade estudaram ou ainda estudam? A resposta predominante foi a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul UFMS (CPTL), sendo que apenas um participante integra a instituição de ensino a distância Unicesumar.

Em seguida, perguntamos acerca do tipo de experiência que os estagiários tiveram com a Educação Infantil, se somente pelo estágio obrigatório do curso de graduação; se pelo estágio remunerado, ou por ambos, e também por quanto tempo atuaram no estágio.

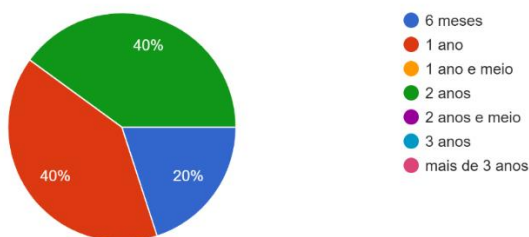
6. A sua experiência como estagiário na Educação Infantil ocorreu de que forma?

5 respostas



7. Quanto tempo durou a sua experiência como estagiário?

5 respostas



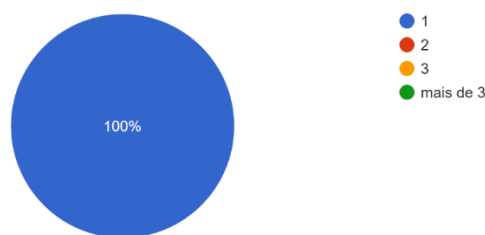
No que se refere ao tempo de experiência como estagiário os períodos de 1 e 2 anos seguem empatados, ambos com 40%, seguidos do período de 6 meses, com 20%. O que se pode observar que são períodos relativamente curtos.

Quanto mais experiência, melhor para o futuro profissional, mas é importante ressaltar que o campo da educação possui algumas peculiaridades que o diferenciam de outros campos de atuação. Assim, no exercício da função docente, o professor traz para si os traços de seu trabalho e, embora tenha papel fundamental no processo educativo, é produzido e moldado por seu trabalho. É uma função multidimensional que integra elementos relacionados à identidade pessoal e profissional do professor no cotidiano de trabalho do ambiente escolar (GONÇALVES, 2020). Por isso, esses jovens se encontram em um duplo processo de formação inicial, tanto da identidade como da profissão.

Ao serem questionados sobre quantos Centros de Educação Infantil estagiaram, todos foram unânimes em responderem que foi em apenas 1.

8. Em quantos Centros de Educação Infantil você estagiou?

5 respostas



No que se refere a visão dos outros (familiares e amigos) sobre a escolha do curso, observa-se nas respostas que a maioria recebeu apoio, sendo que apenas dois dos entrevistados alegaram que houve algum tipo de oposição a sua escolha.

Os familiares mais próximos opõem. (Estagiário A)

Apoiaram. (Estagiário B)

Familiares apoiaram, a maioria olha com um pouco de desprezo, por ser da área da educação. (Estagiário C)

Apoiam meu curso e tem orgulho por ser em uma instituição pública (Estagiário D)

Acham uma boa escolha. (Estagiário E)

Ao serem questionados sobre como se sente/sentiu no seu local de trabalho em relação às estagiárias mulheres e docentes do sexo feminino? As respostas foram em sua maioria de “deslocamento” e “insegurança”, sendo que apenas dois dos entrevistados consideraram “normal” e “acolhedora”.

Quando pedido para escrever alguma experiência marcante (boa ou ruim) durante a sua atuação como estagiário, cada um descreveu uma experiência diferente, mas com algo em comum, olhares diferentes, sobretudo por parte dos pais.

Após eu entrar na escola eu fui marcado como o estagiário homem que cuidava de um dos alunos, e após algumas semanas meu aluno começou a desenvolver as atividades com mais êxito, na reunião de pais que se sucedeu fui elogiado pela mãe do aluno e pela coordenadora pelo meu trabalho auxiliando ele a se desenvolver. (Estagiário A)

Por ter o porte físico maior, acabava ficando encarregado de olhar as crianças mais ativas, essas acabava por me bater, o que deixava os dias mais longos e difíceis. (Estagiário B)

Por serem homem e dizer que cursa pedagogia ainda existe certo preconceito, quando as pessoas perguntam qual curso você faz, elas esperam educação física. (Estagiário C)

Quando um aluno me disse “está na hora de acabar a aula, pois sou eu quem estou pagando. (Estagiário D)

As crianças me darem presentes. Deu pra ver que estou fazendo um bom trabalho e elas reconhecem. (Estagiário E)

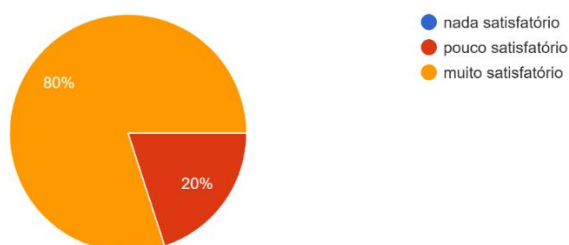
Por meio das respostas fica evidente os desafios e dificuldades que os estagiários enfrentam, tais como: violência física no CEI, longe das atividades de planejamento, reflexão e prática pedagógica, ocupando lugares de “cuidadores” no serviço que não os ajudam a se tornarem bons profissionais. Preconceito por serem homens e escolherem o curso Pedagogia, além da violência simbólica e verbal recebida de um aluno, como relatou o Estagiário D.

Para os profissionais que vivenciaram a dinâmica da Educação Infantil, não só existe um preconceito contra os professores do sexo masculino dentro das escolas, como os pais também apresentam muita resistência em aceitar esses profissionais. É uma crise de valores que produz uma sociedade machista e um ambiente de medo. Isso mostra que uma das barreiras de entrada dos homens na Educação Infantil está em uma sociedade que não vê esse papel como um papel masculino, pois o cuidado é responsabilidade da mulher e muitas vezes as escolas não fazem nada para diminuir isso, enfraquecendo os professores.

Perguntamos acerca do grau de satisfação dos estagiários com o seu local de trabalho.

12. Aponte o seu grau de satisfação como estagiário e explique os motivos de sua escolha abaixo.

5 respostas



Ao abordar o grau de satisfação do estagiário observamos que 80% mostram-se muito satisfeitos, sendo que apenas 20% apresentaram-se como “pouco satisfatório”. Justificando sua escolha pelo desinteresse por parte de alguns alunos.

Quando se refere aos desafios que o estagiário enfrenta ou entende que enfrentar para se manter na carreira no magistério infantil, as respostas foram variadas:

A visão que aquele não é meu lugar, e que irei de algum jeito maltratar meus alunos ou que não dou conta de ministrar uma aula com muitos alunos. (Estagiário A)

A dificuldade de comunicação com os pais, os alinhamentos que devem ser feitos no eixo da família-escola ficam cada vez mais estreitos, e por

consequência, a criança é afetada juntamente com o professor. (Estagiário B)

Muito preconceito por ser homem, associa que o homem vê malícia em tudo, maior desafio vai ser a comunidade escolar aceitar ter um professor na área de educação infantil, até porque quase não se vê. (Estagiário C)

Não faço a mínima ideia, pois pretendo trabalhar apenas com ensino médio. (Estagiário D)

Eu cuido de uma criança que ela meio que desliga do nada, e eu sempre tenho que estar atento a ela para que não aconteça nada de ruim. Não sei que desafio pode enfrentar futuramente, mas sei que vou conseguir superá-los. (Estagiário E)

Apesar das variações nas respostas ainda é possível notar certo medo e insegurança com questões que surgem e surgirão, alguns demonstram não se sentirem bem e seguros no local de trabalho, outro escreveu sobre o medo de se comunicar com os pais, mas há também muita vontade de superar os desafios.

Sendo assim, as categorias de análise que emergiram dos resultados do trabalho foram: trabalho, preconceito, estranhamento, medo e não lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa com cinco futuros professores da cidade de Três Lagoas, possibilitou analisar por que é difícil para as pessoas ingressarem e permanecerem na profissão de educadores, principalmente como professores homens da Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica nos levou a constatar que o problema de discriminar quem opta por atuar na área da Pedagogia não é uma ocorrência recente, mas de muitos anos. O contexto histórico mostra claramente que esta não é apenas uma questão cultural, mas também social.

O estereótipo da mulher como mãe protetora e carinhosa a levou a priorizar essa carreira, tornando-a professora, uma “tia” com menos barreiras, que acabou levantando outras barreiras para profissionais masculinos que procuram entrar no campo.

Apesar dos muitos desafios que essa profissão enfrenta permanecer na carreira mostra que esses professores estão ressignificando as práticas educativas e os comportamentos de seu trabalho, mostrando que as características da docência na educação infantil são neutras em termos de gênero. Essa compreensão certamente mudará a maneira como os professores veem o gênero na educação.

Assim, os resultados deste estudo nos levam a acreditar que as dificuldades que os profissionais do sexo masculino vivenciam para ingressar e permanecer na Educação Infantil se devem aos valores que existem no meio sociocultural em que vivemos, que reforçam modelos educacionais idealizados. Por outro lado, percebe-se que em Três Lagoas – MS, a presença de professores do sexo masculino nas escolas infantis rompeu certos paradigmas sociais, pois esses profissionais são aceitos pela maioria da comunidade escolar, desmistificando os conceitos criados. Durante muitos anos, a educação infantil não foi o espaço profissional dos professores do sexo masculino porque, neste caso, o critério para o sucesso profissional do professor não era o gênero ou o gênero do professor, mas a formação acadêmica, o profissionalismo e a vontade de ensinar.

Diante do exposto, parece necessário e urgente repensar o conceito de docência na Educação Infantil, pois homens e mulheres estarão mais bem preparados para desenvolver a partir do momento que este trabalho for visto como uma profissão de fundamental importância para o desenvolvimento humano de sua prática docente.

Nesse sentido, todos os profissionais da educação infantil, independentemente do gênero, precisam de uma formação sólida que lhes permita desenvolver uma prática de qualidade de acordo com as necessidades, interesses e bem-estar das crianças. Portanto, a partir dos resultados apresentados, acreditamos que os temas abordados neste estudo devem ser desenvolvidos na educação básica e nas formações continuadas, especialmente nos cursos de licenciaturas, uma vez que a discussão desses elementos afeta diretamente a prática profissional.

Há a necessidade de superar barreiras e iniciar um trabalho envolvendo espaços de brinquedoteca, adotando uma prática educativa que permeie e transmita relações de gênero socialmente desiguais e preconceituosas para uma nova geração. Eliminar a desigualdade de gênero na Educação Infantil significa principalmente respeitar os professores, independentemente de seu gênero. Esses indivíduos, por sua vez, precisam se reconhecer como cidadãos, indivíduos com amplo potencial para uma prática docente efetiva. Dessa forma, eles terão maior oportunidade de mostrar à sociedade que ensinar nas escolas infantis não é apenas uma profissão para homens e mulheres, mas um espaço educacional aberto a quem quiser fazer parte dela, desde que comprometido à própria profissão.

REFERÊNCIAS

BONIFÁCIO, Gabriel Hengsternberg. **A profissionalização do docente masculino da Educação infantil: inserção, estabilidade e atravessamentos.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

BRASIL. **Lei Nº 11274/2006**. O Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica, Através da Resolução nº 3, de 3 de agosto de 2005, Define Normas Nacionais Para A Ampliação do Ensino Fundamental para Nove Anos. Brasília, DF, 2006.

CAVALCANTI, Fernanda Carvalho. **Questões de Gênero na Educação Infantil**: Um Estado do Conhecimento de Teses e Dissertações Identificadas no Portal da Capes no Período de 2001 a 2015. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, n. 86, p. 5–14, 1993.

FERREIRA, Andrea Tereza Brito. A mulher e o magistério: razões da supremacia feminina (a profissão docente em uma perspectiva histórica). **Tópicos Educacionais**, v. 16, n. 1–3, p. 46–61, 1998.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, António Maria; RABELO, Amanda Oliveira. “A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério”. In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 6167-6176.

NUNES, Patrícia Gouvea. **Docência e gênero**: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO). 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

OLIVEIRA, Adriana Cristina. **Marcas da docência masculina na educação infantil**: experiência, identidade e cotidiano. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

OLIVEIRA, Leonardo Alves de; GONÇALVES, Josiane Peres. Docência masculina em Naviraí / MS: vivências e representações sociais. **COMUNICAÇÕES (UNIMEP)**, v. 27, p. 167-177, 2020.

GONÇALVES, Josiane Peres. Eu sou professor por decisão, porque eu gosto, porque é minha vida! Paixão, identidade e formação na docência masculina. **REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO**, v. 15, p. 1-20, 2020.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor Homem na Educação Infantil**: a construção de uma identidade. 2012. Guarulhos, UNIFESP, Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade. **Quem tem medo do lobo mau? Inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação Infantil.** 2020. 379 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG.** 2011. 139 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

ROSA, Fábio José Paz da. **O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e na educação infantil.** 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Claudionor Renato da. **Docência masculina na educação infantil:** impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

SILVA JÚNIOR, João Raimundo dos Santos. **A docência masculina na educação infantil em Manaus:** representações de pais, mães e professores. 2021. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.